

## XVIII Fórum da Indústria Têxtil

### Novos Modelos de Negócio para a Fileira Têxtil e Moda

*CITEVE (V.N. Famalicão), 19 de Outubro de 2016*

### Discurso de Abertura da Sessão

Senhor Ministro da Economia,

Senhor Presidente do IAPMEI,

Senhor Administrador da AICEP,

Senhor Presidente da AEP, no qual cumprimento todos os restantes representantes associativos,

Restantes dignitários,

Senhores Empresários, e Colegas do Sector

Minhas senhoras e meus senhores,

O Fórum da Indústria Têxtil é, por excelência, o espaço de discussão de toda a fileira têxtil e vestuário, que, uma vez por ano, debate a conjuntura do sector, mas sobretudo as tendências futuras que poderão influenciar as estratégias das empresas e da indústria em geral.

É também o momento em que se realiza o discurso do “estado de sector” e se confronta o poder político com as dificuldades da atividade e se realizam recomendações para que o contexto possa ser mais amigável aos negócios.

Importa sublinhar, na esteira dos números que hoje iremos apresentar durante o painel de trabalho, que a Indústria Têxtil e Vestuário, vive hoje um momento bastante positivo, bem caracterizado pelos indicadores de desempenho: volume de negócios e exportações em crescimento, estimando-se que atinjam este ano 7 mil milhões e 5 mil milhões de euros respetivamente, balança comercial positiva em mais de mil milhões de euros, criação líquida de emprego, que volta a colocar os efetivos diretos da indústria acima de 130 mil, invertendo, de forma sustentada, um longo ciclo de retração no capital humano nesta atividade.

Recordo que a ITV portuguesa representa 10% de tudo o que Portugal vende de bens ao exterior e 20% da mão-de-obra da indústria transformadora nacional, localizada

maioritariamente no litoral Norte do país, tendo, também por isso, um forte contributo em termos regionais e na sua coesão económica e social. E, se é assim em Portugal, na União Europeia é igualmente relevante, pois representa 3% de tudo o que aquela exporta de têxteis e vestuário e 8% de toda a mão-de-obra que se dedica à fileira.

Iria, contudo, mais longe, referindo que tudo o que é o sistema Moda Português, incluindo aqui os serviços, a distribuição e o retalho, se eleva a 6% do PIB nacional, movimentando mais de 18 mil milhões de euros e dando emprego a mais de 320 mil pessoas. São números que impressionam e não se podem ignorar. É mesmo a realidade.

Deste lugar e na posição que ocupo na ATP, queria desde já, dar os parabéns a todos os empresários, empresas e colaboradores pelos valores alcançados, pelo mérito que tiveram, pelo acreditar no sector, pela sua luta diária, em que muitas vezes num passado recente não fomos reconhecidos nem acarinhados nem protegidos, porque simplesmente foram muito poucos os que acreditaram na evolução e no crescimento deste sector.

Felizmente o discurso político e dos *media* tem vindo a mudar relativamente á Industria Têxtil e do Vestuário, pois tanto lhe vaticinaram a morte antecipada e tantas vezes este defunto deixou de comparecer aos velórios que lhe organizaram, que ressurgiu, hoje em dia, mais forte do que nunca e é uma referencia Mundial.

Falar da indústria têxtil, vestuário e moda, hoje, em Portugal, ao contrário de outros tempos, é invocar uma atividade económica moderna, inovadora, tecnológica, dinâmica e internacionalizada, que compete no valor e não no preço, que vende para mais de 180 países no mundo e que se orgulha de colocar a etiqueta “Made in Portugal” em tudo que realiza, por que lha solicitam e se lha solicitam é porque acrescenta valor, por isso, é uma mais-valia.

Hoje, a Indústria Têxtil e Vestuário portuguesa é um modelo para outros sectores, um “case study” internacional, que muitos países no mundo estudam e admiram, procurando, segui-lo, já que, resistindo a múltiplos e sucessivos choques competitivos extremos, no exterior e no país, conseguiu resistir, reinventar-se e ressurgir com mais vigor e com olhos no futuro.

E esta realidade que nos surge indiscutivelmente positiva, tem tanto mais valor quanto verificamos a persistência de um contexto difícil e de constrangimentos novos que ameaçam a competitividade das empresas.

Na verdade, quando a ATP desenhou um plano estratégico para o sector, com vigência até 2020, considerou um conjunto de eixos de intervenção, precisamente nas áreas que mais sensíveis são à competitividade das empresas, as quais, em vez de progredirem no bom sentido, inverteram a tendência e se constituíram como problemas particularmente difíceis para ultrapassar. Falo das reformas estruturais oportunamente lançadas e que, infelizmente, vemos congeladas, quando não mesmo revertidas, em concreto no domínio jurídico-laboral, em que, por exemplo, a simples reposição de 4 feriados pode determinar a perda de 200 milhões de euros de exportação deste sector, para as empresas e para o país, ou o aumento

do salário mínimo, muito para lá do que as condições da economia permitem, pois implica aumentar mais de 5% não apenas as categorias mais baixas, mas todas as restantes em cadeia.

Invoco também o tema do investimento, que depende exclusivamente da confiança dos operadores económicos, a qual em nada beneficia de declarações radicais de políticos com responsabilidades na governação ou no seu apoio, já para não falar do Portugal 2020, cujas expectativas foram elevadas e, também por não corresponder, mitiga as intenções de investimento das empresas.

Senhor Ministro, esta é uma indústria exportadora, cujo contributo para as contas externas do país é indiscutível, razão pela qual nos permitimos espantar com a política económica seguida pelo Executivo, privilegiando o consumo interno, que também quer dizer as importações, penalizando, em consequência, o crescimento económico. É tempo de cair na realidade e mudar o rumo, até porque o Governo tem tido como marca o pragmatismo e não a ideologia.

Portugal precisa desesperadamente de crescer para ser sustentável, a Indústria Têxtil e Vestuário não enjeita as responsabilidades nessa tarefa, como, aliás os números bem o evidenciam, antecipando em 4 anos o “cenário ouro”, que tinha construído no seu Plano Estratégico, ambicionando mesmo, antes do final da década superar todos os recordes em termos de volume de negócios e exportações, com mais inovação, mais serviço e mais presença internacional.

Não vimos pedir ao Estado protecionismo ou subsídios, pois essa retórica faz parte de um passado que hoje seria anacrónico. Vimos sim pedir que desburocratize, que reforme com celeridade o sistema financeiro, de modo a este poder cumprir o seu papel junto da economia, de forma saudável e em concorrência, que atue na justiça, para que esta seja garante dos que cumprem e não auxiliadora dos que prevaricam, que discrimine positivamente, ao nível fiscal, quem cria riqueza em concorrência aberta com o mundo e quem se atreve a investir, que flexibilize o quadro jurídico-laboral, pois tão ou mais importante do que proteger quem tem emprego deverá ser ajudar os que procuram trabalhar, e, finalmente, que reduza o peso do Estado, o seu gasto asfixiante e que compromete o nosso futuro coletivo, pelo peso do défice e da dívida.

O resto faremos nós, com os nossos recursos, o nosso conhecimento, o nosso talento, a nossa motivação e a nossa persistência em continuar a ser um sector relevante e estratégico para o país, superando dificuldades, e, sobretudo, com o que fez toda a diferença no duro trajeto que realizamos até aqui: estamos aqui porque simplesmente, acreditamos e escolhemos viver. Hoje, como ontem. Como sempre.

Muito obrigado!

**Paulo Melo**

**Presidente da ATP**